

PRAZER [EM] AJUDAR



AQUI TEM DE TUDO

Antônio Rufino e outros comerciantes de aglomerados de BH participam de projeto de divulgação de preços por telefone

PÁGINA 26

EDUCAÇÃO SEXUAL



AULAS SOBRE COMPORTAMENTO SEXUAL TRANSFORMARAM A VIDA DE JOVENS DE ESCOLAS PÚBLICAS DE JOÃO MONLEVADE, QUE PASSARAM A CONVERSAR ABERTAMENTE COM OS PAIS SOBRE O TEMA

LIÇÕES PARA VENCER TABUS

JUNIA OLIVEIRA

A artesã Janete de Fátima Domingues Conceição, de 43 anos, passou por uma verdadeira transformação nos últimos oito anos. Não só o papel de mãe de quatro filhos tomou novos rumos, como também o de cidadã atuante na comunidade na qual vive, o Bairro Santa Cecília, em João Monlevade, na Região Central de Minas, a 108 quilômetros de Belo Horizonte. Tudo começou com as aulas de sexualidade da filha Laiza, ministradas na escola onde a garota estudava. "Achei um absurdo uma menina de 11 anos aprender sobre sexo. Procurei as professoras e elas me convidaram para participar de um curso de capacitação. A partir de então, eu me descobri como mulher, mudei a relação com a minha família e comecei a ensinar aos meninos do bairro", conta. Hoje, Janete é o retrato dos resultados do Programa de Educação Afetivo Sexual (Peas), desenvolvido pela Fundação Arcelor-Mittal Brasil em 12 cidades de Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo e Bahia.

Os trabalhos começaram em 2000, com o diagnóstico que evidenciou a demanda das escolas públicas por atividades na área de sexualidade, drogas, gravidez não desejada e violência. Em seguida, foram firmadas parcerias com as prefeituras, formando uma rede composta pelas secretarias de educação, saúde e assistência social. O público-alvo são estudantes dos níveis fundamental e médio. "A população adolescente é a maior e tende a crescer mais nos próximos anos. E uma série de indicadores evidenciam que os jovens estão começando a vida sexual mais cedo", diz a gerente de Educação da Fundação Arcelor-Mittal, Zulmira de Andrade.

Levantamento feito 18 meses depois do início do programa apresentou resultados surpreendentes. Pesquisadores da fundação, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), do Centro de Pesquisas em Saúde Reprodutiva de Campinas e do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde

(Icict/Fiocruz) avaliaram as mudanças no comportamento sexual de 4.795 adolescentes de 20 escolas públicas de quatro municípios mineiros (Contagem, João Monlevade, Juiz de Fora e Vespasiano) que participam do Peas. Os dados mostraram que 76% dos jovens passaram a recorrer mais ao professor para buscar informações sobre sexualidade, as chances de os jovens procurarem os serviços de saúde sexual dos municípios aumentaram em 49% e o percentual de adolescentes que declararam usar preservativos nas relações com parceiros casuais subiu 178%. Também houve queda de 53% no número de jovens que fumam maconha e de 28% dos que consomem cigarro.

São mais de 100 escolas públicas atendidas. E a história da artesã de João Monlevade não parou na sala de aula. A filha de Janete Laiza, hoje com 19 anos e cursando a faculdade de recursos humanos, levou para casa cinco amiguinhas do bairro para ela e a mãe ensinarem o que aprenderam na escola. Daí

nasceu o Clubinho, transformado em Associação de Adolescentes Rumo ao Futuro, que atende 40 meninos e meninas com atividades de artesanato e funciona na casa de Janete. No meio dos trabalhos, conversas sobre gravidez, drogas e violência.

MODELO João Monlevade é considerada cidade referência no Peas. Na Escola Municipal Cônego José Hígino de Freitas, o Projeto Sexualidade e Cidadania (cada instituição tem autonomia para criar seus programas) revelou mudança de comportamento dos alunos. A estudante Laiza Letícia Souza Magalhães, de 13 anos, da 7ª série do ensino fundamental, conta que passou a compreender melhor o papel do homem e da mulher. A colega Elianara Gomes, de 14, começou a levar a sério o que os pais já falavam: ter responsabilidade e não confiar em qualquer pessoa. A vergonha de Maurício Júlio de Alvarenga Filho, de 13, foi embora: "Eu era muito tímido, mas agora consigo falar abertamente".



Programa de Educação Afetivo Sexual em escola de Pedro Leopoldo, na Grande BH, apoiado pela Cauê, também trabalha a importância do respeito ao próximo

ORIENTAÇÃO COM AFETO

Abordar não somente a sexualidade, mas falar de perspectivas de vida e mostrar um contexto social muito além daquele em que se vive. Essa proposta está mudando conceitos e expectativas de estudantes de cinco escolas municipais de Pedro Leopoldo, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, onde mais de 2 mil alunos participam do Programa de Educação Afetivo Sexual (Peas), promovido pelo Instituto Camargo Corrêa. O projeto tem o envolvimento das secretarias de Educação e Saúde e do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e

do Adolescente. Os representantes de cada instituição planejam ações em rede e, nos colégios, os instrutores usam o horário de aula para tratar dos assuntos.

O Peas faz parte do programa Infância Ideal e conta com a parceria da iniciativa privada (as empresas do grupo Camargo Corrêa) e diversos setores da sociedade, como governos e ONGs em todo o Brasil e em países em que o grupo está presente. O primeiro local de implantação do programa foi Pedro Leopoldo, por causa da planta da Cauê na região.

O Peas foi implantado na cidade no segundo semestre de 2008 e os trabalhos começaram este ano. A coordenadora pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Pedro Leopoldo, Viviane Ribeiro de Souza Cabral, destaca o impacto social da ação. "É uma forma de fazer esses jovens refletirem sobre si mesmos e sobre suas ações. Vejo a ampliação do olhar para além dos muros da escola, uma vida com significado, com direito a pensar sobre eles e as escolhas que podem fazer. Não está só no papel, está acontecendo", relata.

O gerente-geral da fábrica da Cauê de Pedro Leopoldo e Santana do Paraíso, Maurício Anacleto de Queiroz, afirma que o projeto terá duração mínima de 18 meses e que será feito um novo diagnóstico para comparar com as informações iniciais. "É um tema de difícil abordagem ainda na cultura brasileira. Precisamos começar a inseri-lo na escola com metodologia embasada, para garantir que não haja erro durante a condução. Em termos subjetivos, avalio uma evolução interessante, principalmente na família, que agora discute em casa esse aprendizado".